

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA SEFRIAN CHIVA

**ARTE COMO EXPERIÊNCIA DO CORPO:
PERFORMANCE E AFETIVIDADES**

MATINHOS
2019

MARINA SEFRIAN CHIVA

**ARTE COMO EXPERIÊNCIA DO CORPO:
PERFORMANCE E AFETIVIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à conclusão do curso de
Licenciatura em Artes, Universidade Federal do
Paraná. Setor Litoral
Orientadora: Professora Dra. Luciana Ferreira.

MATINHOS
2019

ARTE COMO EXPERIÊNCIA DO CORPO – PERFORMANCE E AFETIVIDADES

RESUMO

Este trabalho analisa a relação íntima que a performance estabelece com o corpo, vida e experiência de cada indivíduo. Descrevendo um relato crítico do processo artístico da performer Marina Chiva, a pesquisa reflete e se aprofunda em questões como a afinidade, subjetividade, identidade, identificação na obra de arte contemporânea e nos estudos da performance utilizando autores como Cátia Kanton, Stuart Hall e Eleonora Fabião.

Palavras Chaves: Performance arte, Corpo, Afeto, Afinidade, Identificação, Subjetividade, Mulher.

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, realizado na modalidade “Exposição ou apresentação de obra artística ou peça ou performance” é resultante de uma pesquisa que teve como intuito a reflexão sobre as questões relacionadas à performance na arte contemporânea e suas relações intrínsecas com as questões que permeiam o mundo subjetivo da afetividade, o universo íntimo e a esfera das relações humanas. Ao mesmo tempo, analisa também um processo performático autobiográfico que aconteceu em 2016 e que foi revisitado em 2019 culminando numa mostra que reuniu obras de diversas artistas e a proposta curatorial foi de encontro a essa pesquisa.

A experimentação artística foi parte do método de pesquisa, construindo um processo criativo e investigativo performático. Com o corpo e a percepção incorporado na pesquisa teórica, foi possível traçar um percurso intuitivo e analítico das fronteiras frágeis sobre arte e vida.

Esta investigação prática e teórica começou com um interesse que me habita e habita outras com quem compartilho trabalhos e afetos, de falar/ouvir/ver/fruir mais sobre a Arte Lésbica. Ao longo da graduação, busquei artistas Lésbicas de diversas linguagens (sonora, literária, visual, performática...) que expressam a experiência de seus corpos em seus manifestos artísticos e suas práticas diárias. Este desejo veio pelo incômodo da invisibilidade e desconsideração de trabalhos de mulheres lésbicas na história da Arte como um todo, que reflete ainda hoje na sociedade. Incômodo de alimentar o espírito com experiências estéticas padronizadas e ditadas por estruturas específicas. Considerando também, meu trabalho artístico como parte destas reflexões.

Lesbianidade e Arte Contemporânea, duas palavras chaves e objetos de estudo que me guiaram nesta trajetória. A orientação sexo-político-afetiva ressoa, transborda e dilui as fronteiras estáticas da arte. A arte é um território. É espaço de relação, de provocação, modificação e expansão do sentido. Arte que afeta. Arte afetiva. Pois essas camadas que compõem o sujeito são de extrema relevância na sociedade que possui muitas formas afetivas doentes e doentias. Que impõem o amor como mais uma instituição de controle e deslegitima relações entre mulheres a não ser para objetificá-las e sexualizá-las.

Essas vivências e experiências estão no corpo. Somos o corpo vivido. Somos vínculo. E tudo que nos perpassa permanece por um tempo sendo carregado conosco e a arte exerce um papel contemporâneo de ser um estado de encontro. De identificação. De trocas. O que nos interessa agora é a afinidade, identidade e o afeto com que faz que nos aproximemos ou nos afastemos de uma obra e possamos refletir sobre ela e a esfera das relações.

Potencializada pela presença corpórea induzindo a pesquisa, uní a performance como elemento de investigação para desenvolver o trabalho “Carregada” que me conduziu na pesquisa por rotas abertas de criação e produção de sentidos.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

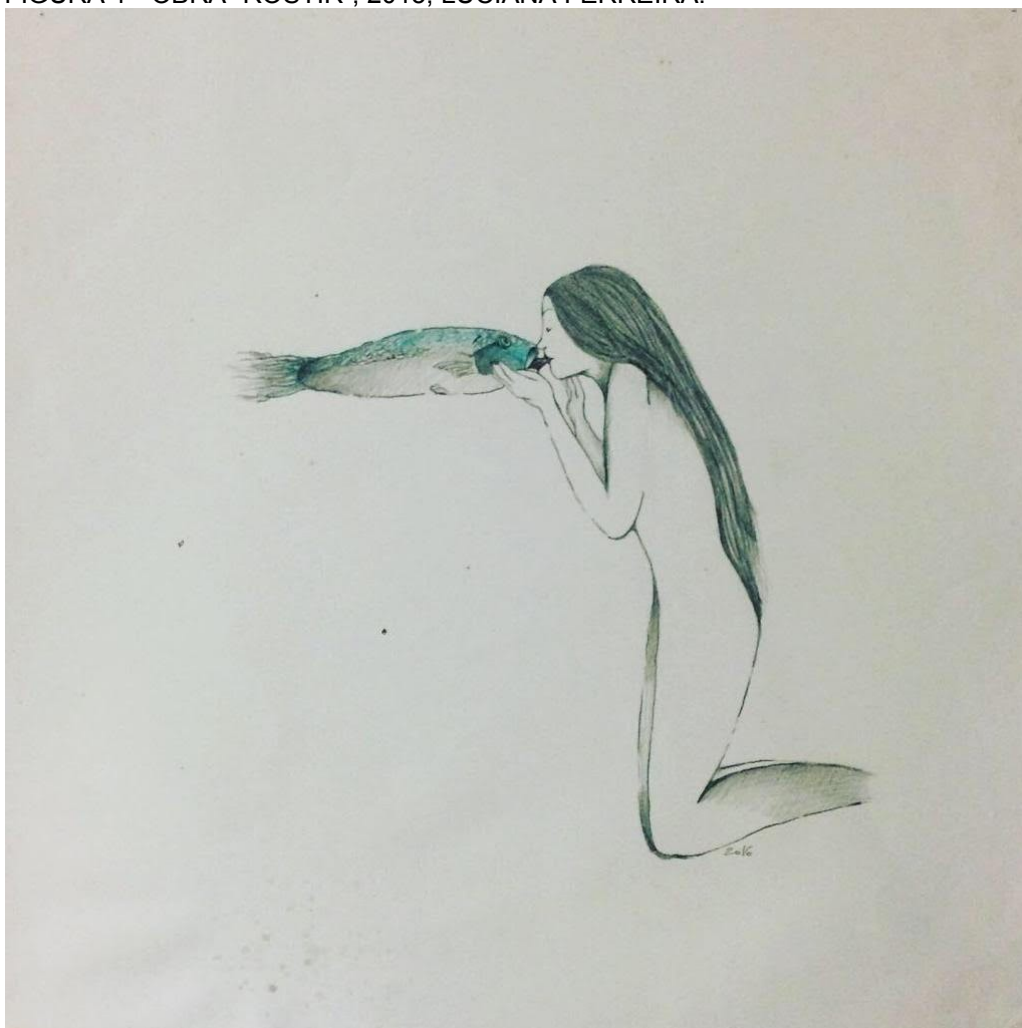
Desde que me deparei com a obra da artista e professora Luciana Ferreira (FIGURA 1) em um dos primeiros dias de aula do curso comecei a me investigar internamente. A obra se trata de uma ilustração de uma mulher beijando um peixe, que acionou em mim diversos questionamentos sobre a subjetividade e a identidade que, colocadas de forma intrínseca pela artista na obra de arte, modificam a percepção e a relação de quem se depara com ela.

O que te aproxima de uma obra de arte? O que faz o sujeito se identificar com o fazer artístico? É preciso sentir isso para ser afetada pela arte?

O modo como criamos relação e afinidade com o desconhecido na esfera artística não se trata de uma questão palpável. A artista plástica Gilda Vogt em seu texto “*Imagens descolonizadas ou livres*”, usa o discurso de Judith Butler no livro “*Relatar a si mesmo*” quando coloca que “manobras subjetivas são difíceis de serem bem conscientes, e de como o ‘Se Conhecer’ inclui a ‘Reflexão com o Outro’, com as

incertezas nas tentativas que só se revelam depois do risco tomado”.

FIGURA 1 - OBRA “ROSTIR”, 2015, LUCIANA FERREIRA.



FONTE: A autora, 2016

Vogt em sua obra “Manau”s (Mãe dos Deuses) que participou da exposição “QueerMuseu – cartografias da diferença na arte Brasileira”, fala justamente sobre a *Identificação com o Estranho* na qual a visão do outro expressa uma reflexão sobre o próprio modo de sentir.

Conto com certas imagens que têm força e carregam revelando muitos significados e abrangem muitos aspectos, onde se podem fazer muitas livres associações. Entretanto, as regras e censuras psicológicas sempre acompanham os costumes e os pensamentos, e o fator antropológico abrange tudo isso. (VOGT, 2018, p. 406).

Estas regras, censuras, costumes e pensamentos são levados até o campo da arte e são confrontados, extrapolados ou então reafirmados ao serem apontados

de maneira sutil, permitindo que a pessoa que interage com a obra tenha a interpretação do que está sendo questionado a partir da sua vivência pessoal. Reconhecer o estranhamento de uma obra de arte suspende velhos hábitos e condutas libertando-os e ressignificando padrões.

O sujeito que cria é também camadas de memórias, relações, intenções, descontinuidades, crenças, vivências. É a partir da experiência que somos modificados e transformados tanto no plano físico como no transcender da matéria. Cada obra representa a perspectiva e a compreensão que cada artista possui sobre a realidade, a arte, a cultura e sua sociedade no campo do sensível. Para a 33ª Bienal de Arte de São Paulo cujo tema é “Afinidades Afetivas” o curador Gabriel Pérez-Barreiro escreve:

“Se nossos gostos e afinidades são governados por leis que não entendemos totalmente, talvez estejamos diante de um sistema de organização que não é exclusivamente moral ou cultural ou biológico, mas um estranho amálgama dos três, no qual nossas afinidades, sejam elas conscientes ou inconscientes, nos conduzem.” (BARREIRO, 2018)

Quanto às questões inerentes ao que vem a ser identidade, HALL (2006), nos livros “*A identidade do sujeito pós moderno*” e “*Identidade Cultural na Pós-modernidade*”, afirma que estas estão sempre em constante transformação sendo definidas pelas trajetórias pessoais de cada ser humano. Se tratam as identidades de conceitos não fixos, instáveis, impermanentes e que passam por constantes rupturas e fragmentações internas.

O “corpo artista”, termo cunhado por Christine Greiner, é um corpo que vibra na contramão da supervalorização da forma e do prazer idealizado pela sociedade de consumo. Ele está interessado em ser um desestabilizador de antigas certezas. Nesse corpo, a arte se torna uma ruptura, um diálogo sobre a forma de pensar de seu tempo e cultura. É preciso fazer da arte um exercício experimental da liberdade. (CANTON, 2009, p. 25). É preciso usar o corpo como espaço transitório e a experiência desse corpo como parte do processo criativo. Aproveitar sua potente carga vibrátil e sua constante transubstanciação para não cristalizarmos e normalizarmos os sujeitos.

Tim Ingold em seu texto “*Trazendo as coisas de volta à vida – emaranhados criativos num mundo de materiais*” traz a seguinte reflexão:

“Ao concluir um importante artigo sobre a arte da deterioração e a transformação da substância ele nota que coisas materiais, assim como pessoas, são processos, e que sua agência real está justamente no fato de que ‘elas nem sempre podem ser capturadas ou mantidas’ (Pollard, 2004, p.60, apud INGOLD, 2012, p.35)

A arte mostra para a vida que é impossível conter a natureza de todas as coisas: “onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade” (INGOLD, 2012, p.37).

2 PENSANDO A ARTE ATRAVÉS DO CORPO: O PERCURSO DO DESENVOLVIMENTO DA PERFORMANCE

Meu interesse e trabalho na performance se molda a partir dessas diferentes concepções de ser o sujeito e o objeto da própria arte. Investigar-se a partir de si mesma, deslocando no corpo-espaço matérias e memórias afetivas numa perspectiva relacional em que os pontos de vista dos observadores e da artista são móveis, difusos e dinâmicos transferem o foco não mais para a obra em si, mas para o contato. A partir da subjetividade e da identificação mobiliza-se a percepção abrindo novas rotas sensíveis que permitem que distintos níveis de realidade e imaginação dialoguem.

Desse modo a performance *Carregada* que aconteceu em Novembro de 2016 no Fórum de Enfrentamento à Violência contra a Mulher de Matinhos, realizado pela Coletiva “Nóis por Nóis” na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, foi permeada de significados sobre o peso que a mulher carrega e como isso reverbera em seus corpos. Trazendo os questionamentos sobre identidade e identificação para meu corpo e para ser trabalhado esteticamente com imagens que a partir da sua criação podem ter livres interpretações de acordo com cada sujeito.

2.1 “CARREGADA”

Carregada. Ação ritual. Caminhada violenta. Um percurso sobre o peso. Aqui, Habito um corpo amorfo e atravessado. Neste trajeto de resistência, a densidade, a carga energética.

FIGURA 2 - PERFORMANCE "CARREGADA". Marina Chiva e Nathalia Drumond,



FONTE: Bruna Janaína, 2016

A dissolução dos limites impostos e a hibridização que desorganiza e desconfigura o já estabelecido estão presentes no conceito de live arte trazido por Renato Cohen em Performance como Linguagem:

A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; A live art. A live art é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado. A live art é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A idéia é de resgatar a característica ritual da arte, tirando-a de "espaços mortos", como museus, galerias, teatros, e colocando-a numa posição "viva", modificadora. (COHEN, 2002, p.38)

No processo da intervenção, os padrões estéticos, crenças determinantes sobre gênero, violências simbólicas, físicas e psicológicas são tratados de maneira subjetiva em meu corpo, e minha caminhada. A performance consistiu em caminhar pela praia até a Universidade de salto alto, collant emagrecedor e um colar elizabetano (elementos símbolos exacerbadamente óbvios de feminilidade e domesticidade) que deixava o senso de dimensão distorcidos em minha percepção diária, arrastando pela cabeça dois punhados de areia envolvidos em meia calça

vermelha que censurava também meu rosto. Estes punhados envolvidos na meia remetiam a ovários, órgãos para fora do corpo ou mesmo tumores.

A performer Eleonora Fabião Doutora em Estudos da Performance fala justamente dessa potência que des-mecanizar e experimentar estados psicofísicos alterados tem para criar e refletir dissonâncias. Sejam elas econômicas, emocionais, biológicas, ideológicas, psicológicas, espirituais, identitárias, sexuais, políticas, estéticas, sociais, raciais (FABIÃO, S/D, p.237)

Performers são, antes de tudo, complicadores culturais. Educadores da percepção, ativam e evidenciam a latência paradoxal do vivo – o que não pára de nascer e não cessa de morrer, simultânea e integradamente. Ser e não ser, eis a questão; ser e não ser arte; ser e não ser cotidiano; ser e não ser ritual. (FABIÃO, S/D, p. 237)

Estava presente comigo compondo a trilha sonora Nathalia Drumond com uma flauta e me acompanhando pelo trajeto. Ao chegarmos na UFPR Litoral, a ação consistia em abrir os tecidos e retirar toda a areia de dentro para acender uma vela e colocá-la no meio do monte de areia.

Em um caderno costumo registrar livremente as ações logo após:

Data: 29 de novembro de 2016 – Registro poético do meu diário:

“Corpo anormal aniquilade e silenciade carrego o peso dos meus ovários arrastando pela praia. Sou puxada pelas marés, tomada pelo vento. A elemental da cura guarda meu caminho, nela a sabedoria ancestral, o sagrado e o profano, a guardiã do som, do rastro, o trajeto cambaleante. Não me enxergo mais, só o peso. Abro meus órgãos cheios de areia e faço castelo porque até o putrefato peso de toda contaminação domesticação patriarcal eu transformo em magia. EU E TODAS.”

Os elementos femininos presentes no meu corpo são ativadores de desconforto, desestabilizantes que impedem e de alguma forma não permitem a respiração, visão e equilíbrio, forçando um deslocamento dos sentidos. Escancarar e sentir os incômodos são parte do ritual de olhar para uma ferida aberta da sociedade imposta nos corpos femininos, para que junto com quem estivesse cruzando meu caminho e se identificasse com a ação, pudéssemos transmutá-la para começar a cura.

FIGURA 3 - PERFORMANCE "CARREGADA". Marina Chiva e Nathalia Drumond,



FONTE: Bruna Janaína, 2016

FIGURA 4 - CROQUI DA AÇÃO POR NATHALIA



FONTE: A autora, 2016.

Ativar o corpo e a experiência como produção de conhecimento é uma das características que me interessa no trabalho de performance arte. Explodir as fronteiras da arte-vida e das linguagens artísticas, na qual todas se borram e viram uma. Tirar a obra de um lugar estático para colocar num lugar vivo e experimental, onde sem a percepção, relação e intervenção ela não funciona. Como Kátia Canton explica em *Corpo, Identidade e Erotismo*:

“Nas obras contemporâneas, em suas sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis concomitantes de sujeito e objeto, que aparecem mesclados de forma a simbolizar a carne e a crítica, misturadas.” CANTON, 2009, p. 24)

O corpo, narrativas, identidade, o tempo e suas relações com memórias são abordados por Kátia Canton como temas que emolduram o mundo contemporâneos e são refletidos na arte atual.

Encarar a performance como um programa a ser realizado com o corpo presente, pulsante e dilatado assim como em um ritual em que sentimentos surgem e se vão transmutando em cada indivíduo que faz parte.

3 ATRAVESSAMENTOS: MOSTRA “SOBRE CARREGADA”

A mostra “SobreCarregada” surgiu com o intuito de partilhar e apresentar o processo da Performance “*Carregada*” e reunir mulheres que possuíssem trabalhos artísticos de diversas linguagens sobre afetividade e questões que perpassassem o universo íntimo, para entrelaçar e expor obras que construíssem juntas um território de encontro e compartilhamento de experiências. No mesmo sentido, a mostra “Sobrecarregada” surgiu para fortalecer os laços destas mulheres parceiras e co-criadoras e, para ampliar o protagonismo feminino em seus diferentes atravessamentos e linguagens.

Penso que sempre, corporificamos tudo que nos afeta. Carregamos. Colocamos em camadas. De pele, de vísceras, de eu de você. A instalação “*Sobre Carregada*” que fez parte da Mostra (e que é uma síntese da performance “*Carregada*”) é justamente um acionador de subjetividades. Composta por registros e materiais usados naquela Performance como: fotografias, meia calça e areia e com vídeos experimentais, a instalação nos questiona, *O que você carrega?* Esta pergunta ressoa na Mostra

fazendo-se vibrar como proposta curatorial que guiou as performances que aconteceram na abertura e as obras das artistas convidadas, que se afetam e são afetadas umas pelas outras e por tudo que carregam. Realizada de 30/10 a 04/11 de 2019 no Hall do Auditório da UFPR Litoral, com entrada gratuita, a mostra reuniu artistas pesquisadoras contemporâneas residentes da cidade de Matinhos como Débora Brancaglião, Fran Helene, Ik, Ligia de Mello, Luciana Ferreira, Lunatika, Nathalia Drumond, Nicole Elis, Rafa Fada, Tainá With E Yanka Moroski. Além da instalação idealizada e realizada com a artista audiovisual e parceira Débora Bracaglião contou com outras instalações, exposição de obras visuais, fotografias, vídeo-artes e performances cujo tema guia, foi “sobre carregar”.

FIGURA 5: Cartaz da Mostra “Sobre Carregada”, por Lunatika



FONTE: A autora, 2019

FIGURA 6 - Parte da instalação *Sobre Carregada*. O que você carrega está envolto em que?



FONTE: A autora, 2019

FIGURA 7 - Parte da Instalação *Sobre Carregada*. Sentir a materialidade do que está dentro/fora.



FONTE: A autora, 2019

FIGURA 8 E 9 - Parte da instalação *Sobre Carregada*. Coágulos e seu peso suspenso.



FONTE: A autora, 2019

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta foi uma experiência significativa, que teve início com uma pesquisa a partir de uma perspectiva sobre gênero, arte lésbica e suas invisibilidades. Traçou o caminho da subjetividade investigando o corpo e a identidade contemporânea, colocou memórias emotivas como material autobiográfico para criação e nessa rota chegou de encontro à percepção de que tudo que afeta, movimenta.

O que faz de uma experiência significativa? Deslocar suas rotas de repetição, aproveitando e valorizando as conexões, com o corpo e a mente despertos e desacomodados. Conectar percursos e camadas, transitar entre os mundos como uma Xamã no tecido fragmentado e nos fluxos descontínuos das redes da era contemporânea.

O percurso foi feito durante os quatro anos de graduação, e juntamente com o trabalho artístico na performance art foram me dando condições de materializar as inquietações e os vínculos, abrindo passagens. Marcada pelas relações de afeto cotidianas que direta ou indiretamente me auxiliaram nas rotas de criação.

Levando a arte para um lugar de encontro crítico reflexivo e participativo, as questões levantadas neste trabalho sobre o que nos aproxima de uma obra de arte, o que faz o sujeito se identificar com o fazer artístico e se é preciso sentir isso para ser afetada pela arte, foram respondidas costurando as referências teóricas com a vida e suas relações introduzidas na obra de arte e suas trocas, que não são fixas, que diluídas, escorrem pelas mãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, **Afinidades Afetivas por Gabriel Pérez-Barreiro**. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://33.bienal.org.br/pt/sobre-a-exposicao> Acesso em: 12 de novembro de 2018.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. *Sala Preta*, 8, 235-246. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

VOGT, Gilda. **Imagens Descolonizadas ou Livres**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.19, n.46, p. 405 – 408, Jan/Jul, 2018.